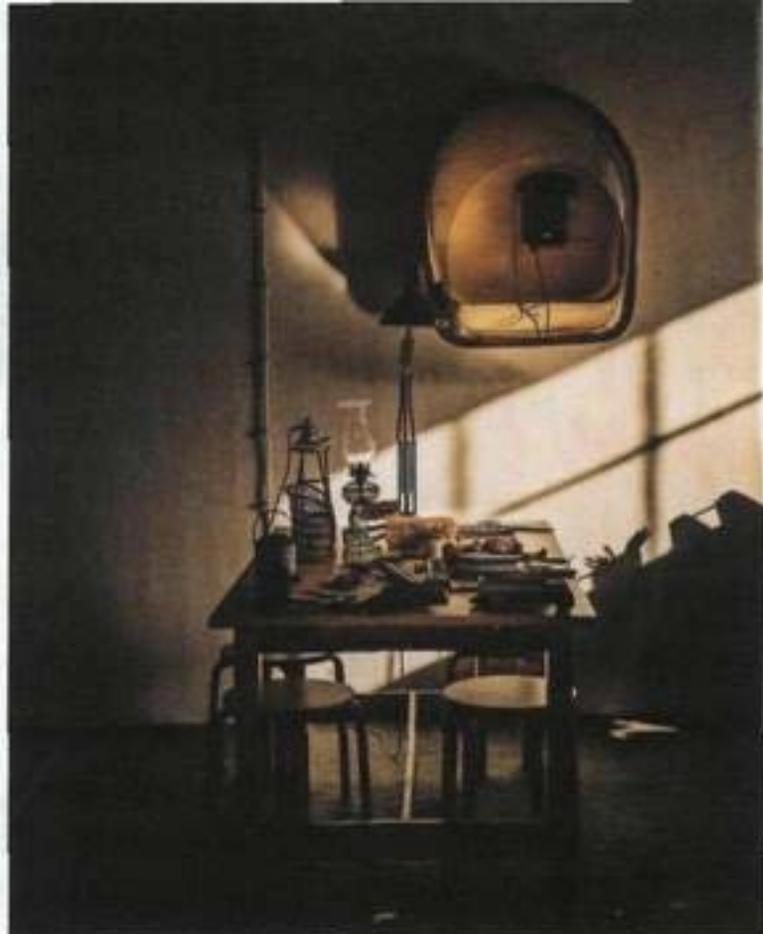


O QUE ANDAS A FAZER?

JOANA ASTOLFI

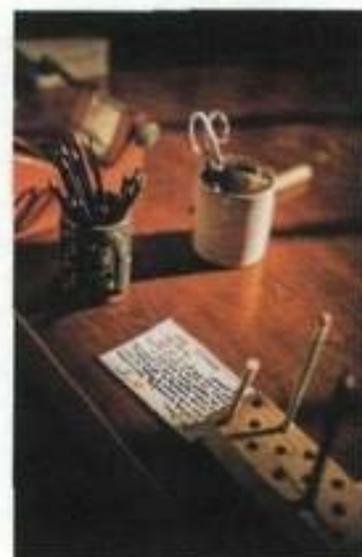
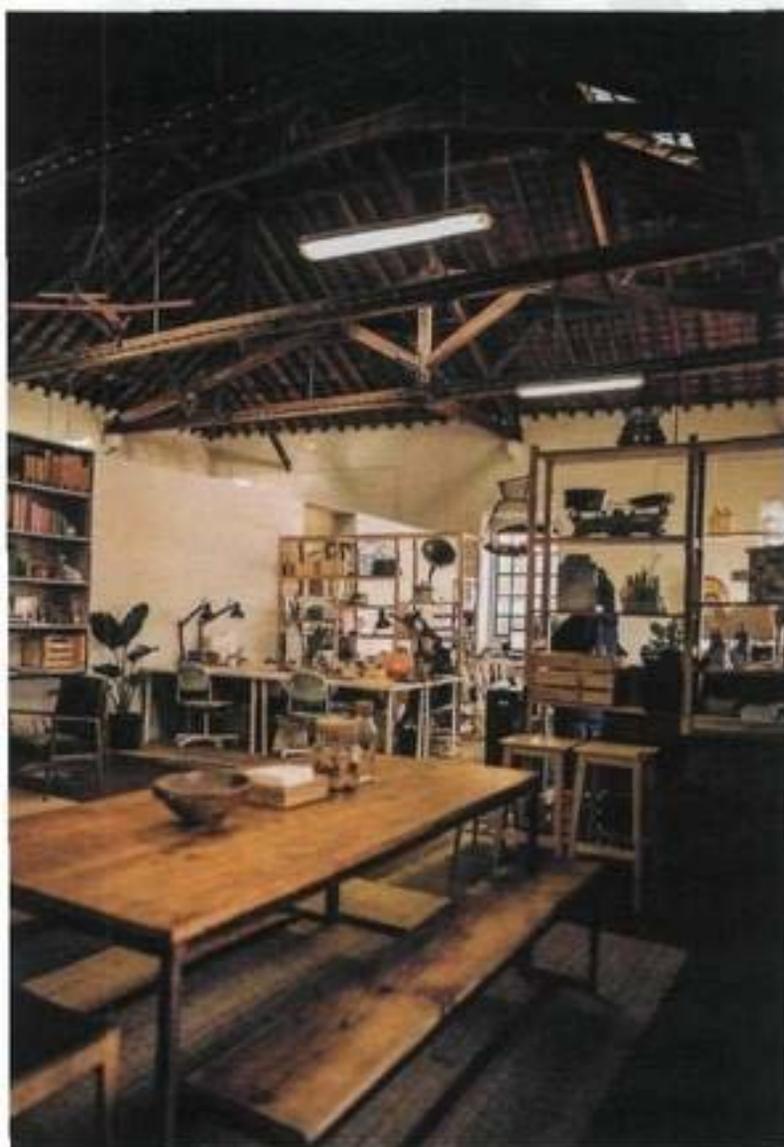
ARTISTA
PLÁSTICA
E ARQUITETA

TEXTO
SÓNIA CALHEIROS
FOTOGRAFIAS
ARLINDO CAMACHO

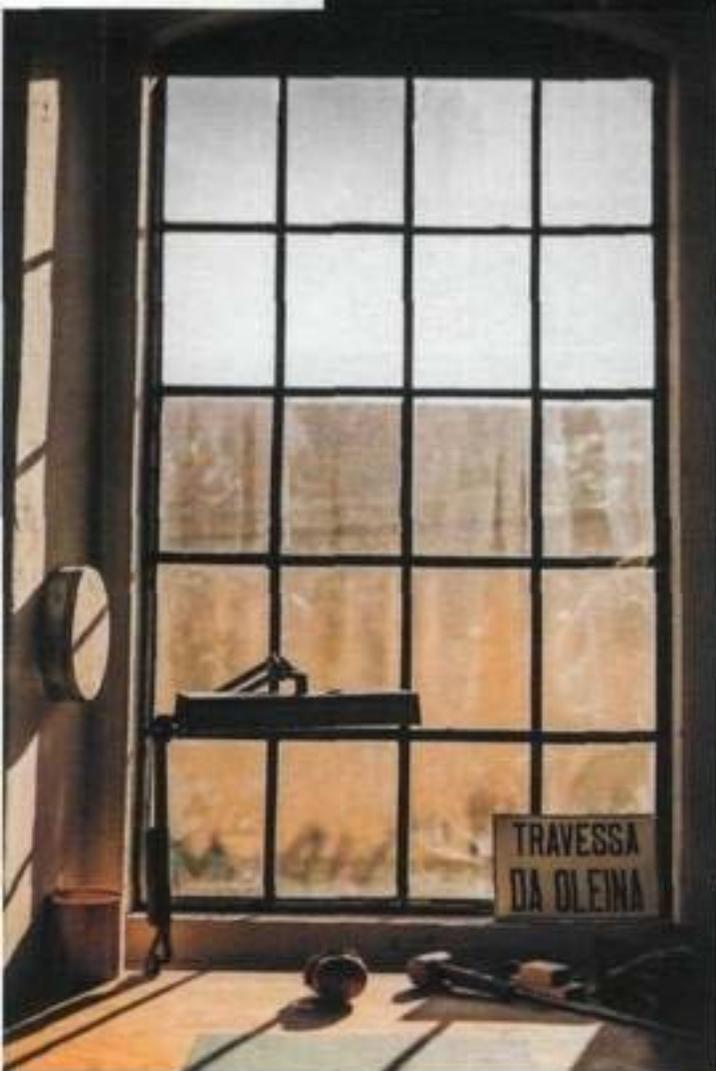


A ENCANTADORA DE ARTE

SEM DOIS PROJETOS IGUAIS NO PORTEFÓLIO,
AS PEÇAS DA ARTISTA PLÁSTICA
E ARQUITETA TRADUZEM UM ESPÍRITO
SONHADOR, INQUIETO, CURIOSO E CHEIO
DE CRIATIVIDADE. O SEU OLHAR É UM
RADAR À CATA DE INOVAÇÃO E DIFERENÇA







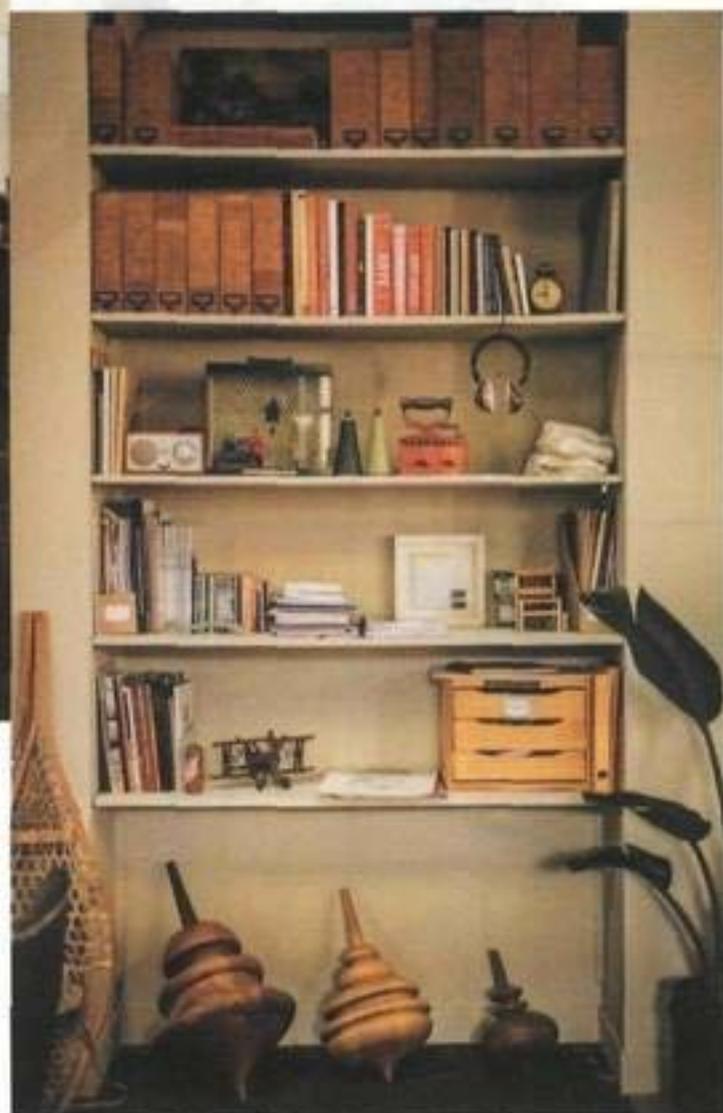
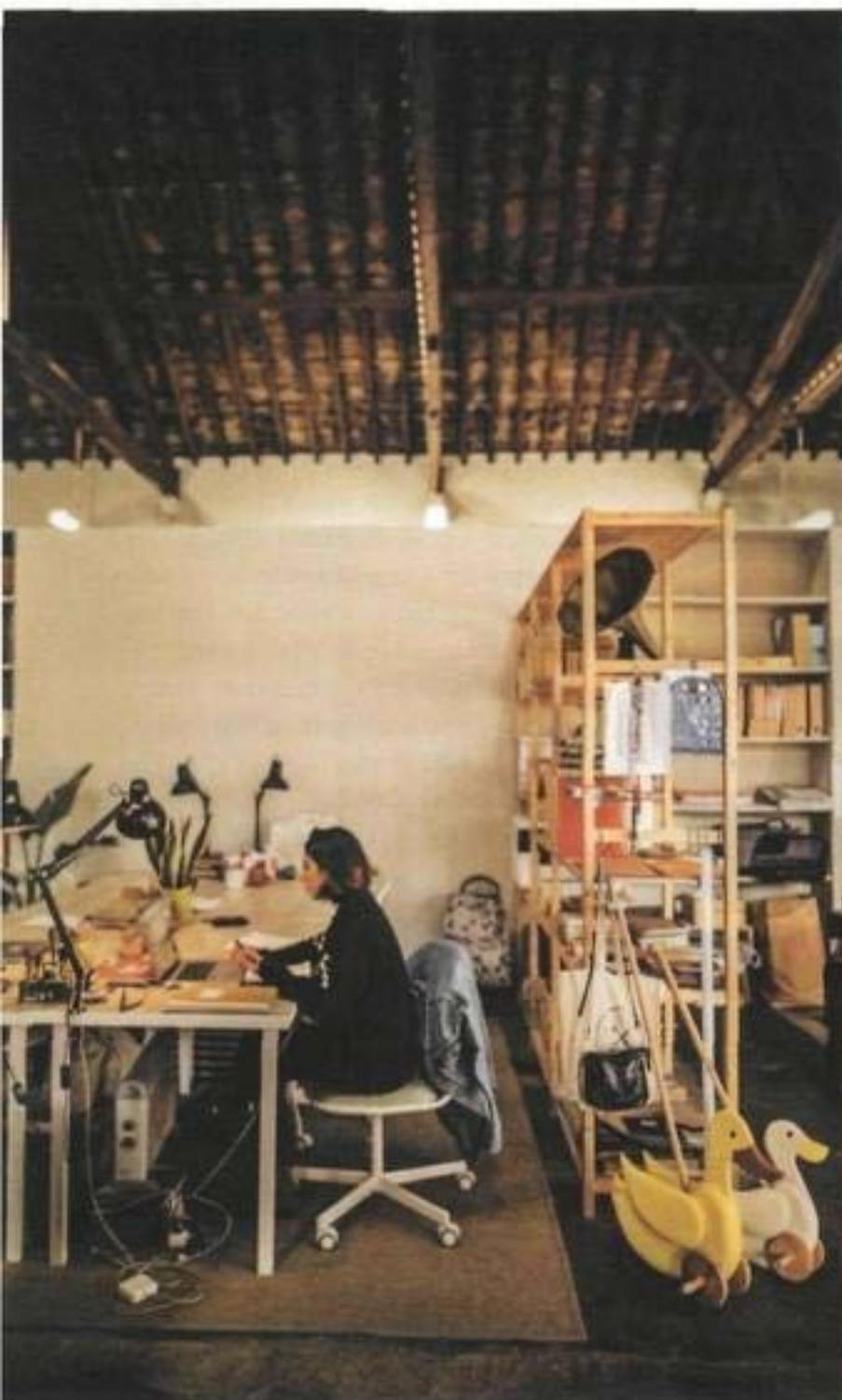
inspirem, como o Diogo Pires, o diretor do meu estúdio, com um lado meio louco.”

Com quem também gosta de trabalhar é com o chefe de cozinha José Avillez. À sua primeira intervenção no restaurante Cantinho do Avillez, em 2011, seguiram-se o Belcanto (2012) e o Bairro do Avillez (2016). Agora é a vez de tratar do interior no novo Belcanto, que irá prolongar-se pelo restaurante Largo, vizinho do lado da atual morada, no Largo de S. Carlos, em Lisboa, que passará a ser o atelier e laboratório do chefe com duas estrelas Michelin.

Joana Astolfi não se considera uma mulher ecológica, mas é uma filosofia que aprecia, aliás, é uma atitude que sempre teve, transformando e dando um *twist*, uma nova vida, aos objetos. “Há 20 anos que uso o lixo como matéria-prima. Para quê construir de raiz e não aproveitar a história e a patine do tempo?”

Quando o Oceanário a chamou para uma intervenção artística “uau” na sua loja, Joana respondeu: “Chamaram a pessoa certa.” A recriação do fundo do mar, com quatro metros de diâmetro, foi feita só com cordas de algodão de várias espessuras, tipos de entrançado e tons de bege. Só faltava um barco naufragado. Joana pediu ajuda a um amigo que sabe sempre onde estão barcos velhos e trouxe alguns para o estúdio para servirem de modelo para um “barco de papel” de quatro metros de comprimento, criado com as tábuas dos barcos obsoletos encontrados.

Depois de, em 2018, ter internacionalizado o seu trabalho – em Luanda, tornando o interior da loja de mobiliário Da Kaza mais caseiro, e em Estocolmo, acentuando o cunho português da marca de mobiliário De La Espada –, segue-se agora um roadshow pelo Brasil, onde tem algumas reuniões marcadas. Mas sobre política brasileira ninguém lhe arranca uma palavra.



NO ARMAZÉM DE 600 M²
EM MARVILA ESTÃO
AS PEÇAS COM QUE GOSTA
DE TRABALHAR E COM AS
QUAIS CRIA AS NARRATIVAS
QUE A TORNARAM FAMOSA

Determinada, **Joana Astolfi** transpira atitude. Nos 20 anos de carreira, em que já criou uma linguagem própria, não tem dois projetos iguais. Com um discurso sereno e organizado, a artista plástica e arquiteta de 44 anos conta à PRIMA que todos os seus trabalhos têm de ser disruptivos e partir de conceitos fortes. “As pessoas chamam-nos para contar histórias através dos seus espaços e da arte através dos objetos. Criamos narrativas, histórias coerentes”, revela. Cada projeto é um problema e Joana tem um conselho sábio para o resolver: “Tens cinco ideias boas? Guarda três no bolso e celebra as outras duas. Quando tens muita coisa, nada respira.”

Em maio de 2018, **Joana Astolfi** mudou-se de uma antiga padaria nas Necessidades para um armazém com 600 m² em Marvila, zona que compara, numa versão mais pequena, ao East End ou ao Shoreditch de Londres, onde estão os *creative hubs* e os *coworks*. Sem caos nem tralha espalhada pelo atelier, onde trabalha com uma vintena de pessoas, o que está nas prateleiras são os objetos-fetice de Joana. Ela gosta de gaiolas, lupas, piões, balanças, *view-masters*, e os candeeiros têm de estar acesos. Há plantas verdadeiras junto à luz natural que entra pelas janelas altas, uma ardósia preta com rabiscos e mais objetos: patos, moldes de sapatos gigantes, cadeirões, sofás, gira-discos, livros, revistas, arquivos de madeira, grafonolas e uma cabine telefónica (qual “orelhão” brasileiro) junto à sua secretária, à janela, onde às três da tarde bate o sol.

E se há cinco anos Portugal começou a ouvir falar de **Joana Astolfi** por ser a artista portuguesa que assinava as 12 montras da Hermès no Chiado, em Lisboa, agora há muitas outras lojas em que o seu cunho é parte determinante da história da marca. Mas a colaboração com a marca francesa de luxo mantém-se com duas montras por ano, no verão e no inverno, as outras serão feitas por convidados,

algo que está a acontecer em vários países. “É uma galeria a céu aberto. Tenho de estar sempre a superar-me, a surpreender-me a mim e à marca. Aquilo é cenografia, não é vitrinismo.”

Quem passar no Largo do Intendente, em Lisboa, não fica indiferente às duas instalações artísticas na montra da Viúva Lamego, cerâmica portuguesa artesanal com uma história de 170 anos. Seguindo o tema “Reconstrução”, **Joana Astolfi** foi à fábrica, à sala onde guardam tudo o que já não usam, as coisas partidas, e escolheu uma série de cacos das loiças azuis e brancas para reinterpretar e transformar em arte. O resultado é uma *mise en scène* de cacos, com alguns pelos ares, um martelo gigante suspenso, na iminência de partir a loiça toda. Também construíram uma caixa de madeira, com encaixes japoneses, forrada por dentro a veludo, em que as juntas dos cacos são em folha de ouro, reinterpretação de uma técnica japonesa que assume as quebras. Em breve, será feita uma edição limitada de martelos de cerâmica, em miniatura.

Joana Astolfi e companhia nunca tinham feito uma intervenção urbana tão grande, mas isso só os incentivou para tratarem da fachada da ETIC – Escola de Tecnologias Inovação e Criação, na Rua D. Luís I, em Lisboa. O facto de ser um espaço público não lhe permitiu ter liberdade total, por isso pensou: “Porque não transformar a fachada numa folha pautada de um caderno e escrever um manifesto sobre o que é criar e o que é arte, e em inglês, para todo o mundo poder ler?” Com essa mensagem, Joana espera inspirar os jovens que passam pela escola. “Há muita inércia nesta geração jovem. Não puxam por eles mesmos. O talento é só uma percentagem, o resto é trabalho e é preciso suar.”

Joana é megalómana, mas só em ideias. “Para sonhar estou cá eu, preciso de pessoas ao meu lado que me